



A Violência na Sociedade Regida pela Velocidade: Análise do Filme *In Time* ¹

Kenny EBINGER²

Rodrigo FOLLIS³

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

RESUMO

O tempo sempre é facilmente identificado com o relógio, e o ser humano vive preocupado com ambos. Através dos anos, o tempo entrou em movimento constante, gerando o conceito de velocidade. A velocidade se torna imperceptivelmente uma ordem de vida. Quando isso ocorre, aqueles que não são velozes o suficiente para acompanhar as transformações sofrem da violência simbólica proveniente da velocidade. Um dos seus maiores perigos é forma silenciosa de agir. Sorrateiramente ela se instala sobre todos e se torna a lógica ação de uma época. Este artigo discorre sobre teorias voltadas à esses assuntos, e alguns de seus⁴ desdobramentos, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Então, os conceitos abordados serão aplicados na trama do filme “*In time*”. A fim de encontrar semelhanças e diferenças entre os padrões sociais propostos.

PALAVRAS-CHAVE: Dromocracia; Violência da velocidade; Violência simbólica.

Este artigo apresenta uma análise da sociedade presente no filme “*In time*”, “O preço do amanhã” em Português, onde o tempo é a fronteira máxima da vida e a moeda de câmbio. O estudo será feito sob a ótica da velocidade, mais especificamente de sua violência, causada pela aceleração constante que ocorre no mundo.

Quais são as diferenças e as semelhanças que podem ser encontradas quando são comparadas a sociedade do filme, com a sociedade da velocidade? Sendo a última baseado no conceito de vários autores contemporâneos. Aquela na qual a velocidade impera como estrutura social lógica e subjetiva. Como se diferencia ou se assemelha a violência da velocidade nas duas sociedades?

O filme retrata de forma bem clara o tempo como centro da existência e da importância. O valor dado ao tempo na história é um fator que torna fácil a comparação dessa sociedade com aquelas onde a velocidade é a lógica de organização estrutural. Por possuírem o meio de organização comum, é possível afirmar encontraremos semelhanças.

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: kennyebinger@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação Social Pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no curso de Comunicação Social do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br



Para isso foi necessária uma pesquisa bibliográfica com autores que escrevem sobre a velocidade e sua violência no período da cibercultura, ou pós-moderno. As teorias da Dromocracia, e da Dromocracia Cibercultural (TRIVINHO, 2006; 2007) serão o foco e a base da maior parte da argumentação. Também serão usadas ideias de outros autores para reforçar essa teoria.

Outra parte importante da fundamentação acontecerá baseada em conceitos de violência da velocidade e violência simbólica. Ao traçar um paralelo entre ambos, será analisado como essas teorias podem se tratar de um fenômeno similar ou de como uma pode ser vertente da outra.

Após, será mostrado o estilo de vida de um ser humano que vive na sociedade líquida, de acordo com o pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman (2005). Para encontrar características comuns entre a modernidade líquida, a sociedade dromocrática e a violência causada pela velocidade.

Por fim, os conceitos elaborados e construídos com base nos teóricos durante o trabalho serão aplicados sobre a trama do filme e seus desdobramentos. Com a finalidade de encontrar as semelhanças e diferenças entre o cenário social do filme e o cenário social criado com o diálogo entre os teóricos.

O tempo como maestro

O tempo, até o momento em que o ser humano o compreende, sempre existiu. Ele pode ser considerado como a unidade de medida da vida. Sua existência não depende de algum instrumento que o meça e o ser humano ainda não sabe pará-lo. A física estuda seus funcionamentos e características, todavia, para o ser humano comum, ele vai além da teoria e é prático, sendo referência para compromissos, rotina e afazeres.

No período histórico atual, chamado de pós-modernidade, que surge após a desilusão com o industrialismo e possui uma relação de impulsão mútua com a informatização da sociedade (CAZELOTO, 2007), o tempo passa a ter papel de maior perceptividade e relevância científica. Ele se torna um bem raro, e a sua "falta", ainda que de forma relacionada apenas à percepção humana, se torna motivo de reclamação constante pelos que vivem nesse momento da história. Se no princípio da era industrial, anterior a pós-moderna, o tempo já sofria a ação da aceleração, no início da era atual sua influência aumentou de forma exponencial, impulsionada por vários fatores que não cabem a essa discussão.

Essa aceleração é refletida pela filosofia industrial com referências tayloristas de mais produção, no menor tempo possível (CAZELOTO, 2007), tendo seu ápice com o advento das



tecnologias da informação. Elas reduziram o espaço-tempo através de meios de comunicação que encurtavam: as distâncias entre dois pontos de informações, ainda que de forma virtual; e o tempo em que a troca das mesmas ocorrem. Com isso, a velocidade, que até a pouco não era parte necessária na configuração social, "impõe-se como eixo de organização e modulação de toda a existência social, cultural política e econômica" (TRIVINHO, 2007).

Se nas eras anteriores, a velocidade não era mais do que apenas coadjuvante, agora ela assume papel de "sistema" global. Este regime imperativo da velocidade é chamado, por Trivinho (2007), de dromocracia. Agora, a velocidade deixa de ser exigência apenas do ambiente produtivo e entra no ambiente doméstico. Para Cazeloto (2007), essa transição ocorre devido ao avanço das tecnologias e da informatização na vida diária. Com isso, a velocidade se faz presente não apenas na esfera do trabalho, mas também fora dela. Portanto, até os momentos pessoais de lazer, se transformam em uma busca incessante pelo maior aproveitamento e deleite, no menor período de tempo possível.

Cazeloto (2007) ainda afirma que os meios info-técnicos acessíveis no cotidiano colaboram "incisivamente no processo de formação de subjetividades compatíveis com a lógica da aceleração." Portanto é possível justificar que a velocidade se projeta de forma inegável sobre todos os seres que entram em contato com esses meios. Assim, ela se perpetua, pois formata o pensamento daqueles que estão sobre ela para ser compatível com sua lógica.

Uma vez que a velocidade tutela ambas as esferas e se impõe como nova lógica subjetiva, ela alcança a sua plenitude como estrutura social. Essa plenitude, ou até mesmo sua própria existência é pouco percebida pelas pessoas na forma até aqui apresentada. Porém, é possível ver sua existência através da violência que exerce na sociedade.

A violência da velocidade e a dromoaptidão

A violência da velocidade não é um fenômeno que ocorre de forma física. Sua aplicação é imaterial. Porém, suas consequências podem surtir efeito nos corpos e imaginário daqueles que estão sob sua custódia (TRIVINHO, 2007). Uma vez que a violência se autolegitima, ela se instaura cada vez mais profundamente na sociedade se tornando "imperativo categórico de época" (TRIVINHO, 2007). É possível fazer um paralelo entre ela e a descrição do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997): "A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la."

A violência da velocidade se aplica a essa descrição ao se utilizar o conceito já trabalhado por Trivinho (2007), da dromoaptidão, ou seja: a capacidade de ser veloz. Ele afirma



que existem indivíduos (entenda-se por indivíduos entidades únicas, incluindo organizações, empresas, instituições e seus níveis intermediários) com mais capacidade de se adaptar e acompanhar constantemente as mudanças que a velocidade traz à sociedade. A velocidade estabelecida como lógica aliada à existência de seres que se encontram em diferentes níveis de dromoaptidão, cria uma demanda social por essa habilidade. Com isso, um indivíduo não veloz deixa de ser aceito na sociedade (REIS, 2013). Eugênio Trivinho (2006) ainda afirma que: "A nova lógica da desigualdade gira em torno do imperativo da dromoaptidão propriamente cibercultural".

É necessário lembrar que todo esse processo não é estático, mas autossustentável e crescente. A ponto de poder ser comparado a uma "bola de neve". Os pormenores de como se dá essa aceleração de forma mais profunda e de até onde ela pode chegar não serão abordados neste artigo. Porém, Trivinho (2007) aborda essas questões com propriedade através da sua teoria sobre a *Dromocracia Cibercultural*, chegando ao ponto de afirmar que a dromoaptidão se torna uma atitude conservadora sem que a população se aperceba.

Com o avanço e crescimento desse sistema, a definição de Bordieu (1997) sobre a violência simbólica chega ao limite desse paralelo. Pois, em seu estágio mais avançado, ela deixa de ser apenas exercida entre indivíduos da sociedade para alcançar um nível superior, chamado por Trivinho (2007) de regime trans-político. Nesse nível, a violência se torna o *sprit du temps* e é exercida sobre todos, até o mais dromoapto. Nenhum ser humano consegue acompanhar a frequência das transformações que ocorrem!

Aqui está o poder da velocidade e o pico de seu potencial violento. A mudança constante impede qualquer um de se firmar em algo. Descrevendo essa situação, Cazeloto (2007) diz: "sendo parte ativa do ciclo de criação e destruição sem outro objetivo ou sentido que não o próprio movimento, o sujeito é jogado na permanente instabilidade e, conseqüentemente, num mundo em que tudo é incerto e temporário."

As conseqüências de uma vida regida sobre o regime da velocidade em seu estado máximo, se assemelham e podem ser combinadas com a descrição de Bauman (2005) sobre a *vida líquida*. Vida esta, que existe na *Modernidade líquida*:

a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar de passar as datas de vencimento [...] é uma sucessão de reinícios.



No auge da violência sutil da velocidade, o ser humano vive correndo atrás do tempo. O movimento é constante e não é possível ficar parado. O maior esforço de acompanhar as mudanças garante no máximo a permanência no mesmo lugar, e aqueles que não tentam com tanto afincado retrocedem (BAUMAN, 2005).

Apesar da magnitude dos acontecimentos e transformações sociais que acontecem ao lado de cada indivíduo, derivadas dessa lógica processual da sociedade, estes permanecem sem perceber o cenário instável e violento que os cercam. Por isso é possível confirmar a característica de violência simbólica e sutil da imperceptibilidade defendidas por Bordieu (1997) e Trivinho (2006).

Diante desse cenário desesperador, Bauman (2005) afirma que os indivíduos tentam ao máximo deixar aquilo que possa impedi-los de ter mobilidade e flexibilidade para acompanhar as mudanças. Em outras palavras, tentar favorecer o desenvolvimento da dromoaptidão. Porém, essa busca não é bem-sucedida. Além disso, esse desprendimento tem como consequência mais volatilidade nos relacionamentos e mais e velocidade, ou seja: mais violência simbólica.

Se antes as pessoas se relacionavam de maneira estável com outras da mesma classe social (seja ela dromoapta ou econômica, enfim), agora elas não mais conseguem se apegar a ninguém. Com exceção de talvez, alguns poucos do círculo familiar. Pois movimento contínuo dificulta e desencoraja a formação de laços duradouros (BAUMAN, 2005).

O medo de "ficar para trás" persegue a todos até mesmo em seus sonhos, e muitos desistem de tentar acompanhar o movimento. A esses, que são muitos, são fadados a se tornarem apenas "excedentes" de uma população agredida pela rapidez constante. A violência transforma estes em "lixo humano", esquecidos, aglomerados, considerados irrelevantes e supérfluos (BAUMAN, 2006).

“In Time” e a corrida pelo tempo

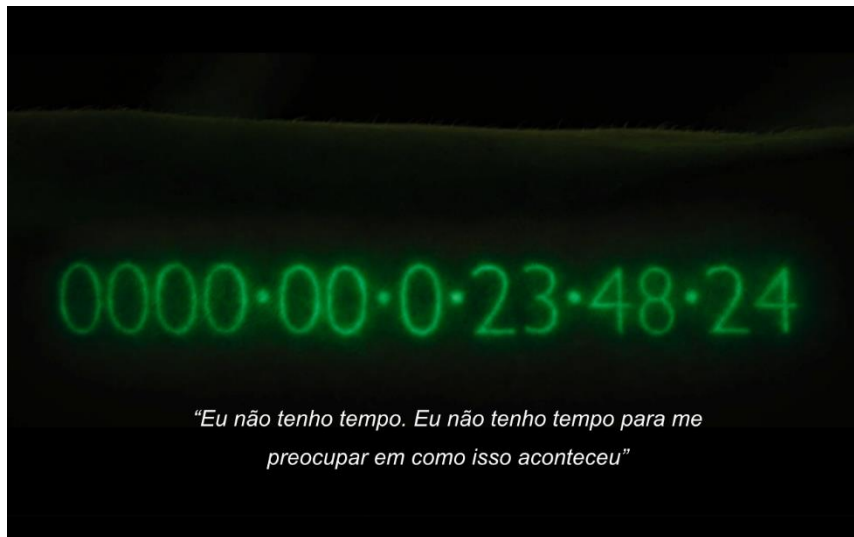
No filme “*In Time*”, distribuído pela 20th Century Fox, o protagonista Will Salas é um cidadão comum que vive em uma sociedade onde o dinheiro é literalmente a moeda. Ele é usado para qualquer tipo de troca financeira e se uma pessoa “perde” todo seu tempo, apontado através de um marcador luminoso no pulso, ela morre. O “relógio” que marca as horas restantes de vida, só começa a contar quando a pessoa chega aos 25 anos de idade, a partir de então, ela possui mais um ano de vida, a menos que ela ganhe mais tempo de alguma maneira.

No filme, existem separações geográficas chamadas de zonas do tempo. Em cada uma delas se agrupam pessoas com quantidades de tempo semelhantes. Will mora com sua mãe na

zona de Dayton, a mais pobre. Através de uma casualidade, ele ganha uma quantidade considerável de tempo e migra para zonas superiores, onde encontra uma realidade diferente, sem a pressa na qual estava acostumado.

Neste cenário é fácil identificar algumas semelhanças com a teoria previamente abordada. Logo no princípio, a primeira frase a ser dita faz referência à velocidade como categórico de época: *“Eu não tenho tempo. Eu não tenho tempo para me preocupar em como isso aconteceu”* (ver figura 1). Em tom de frustração, o personagem fala em como sua vida passou a ser regida pelo tempo através do relógio implantado em seu pulso. E que por causa da contagem regressiva constante, ele não pode se preocupar em como o relógio foi parar lá, pois tem que se preocupar em abastecê-lo com tempo.

Figura 1 – Relógio implantado no pulso

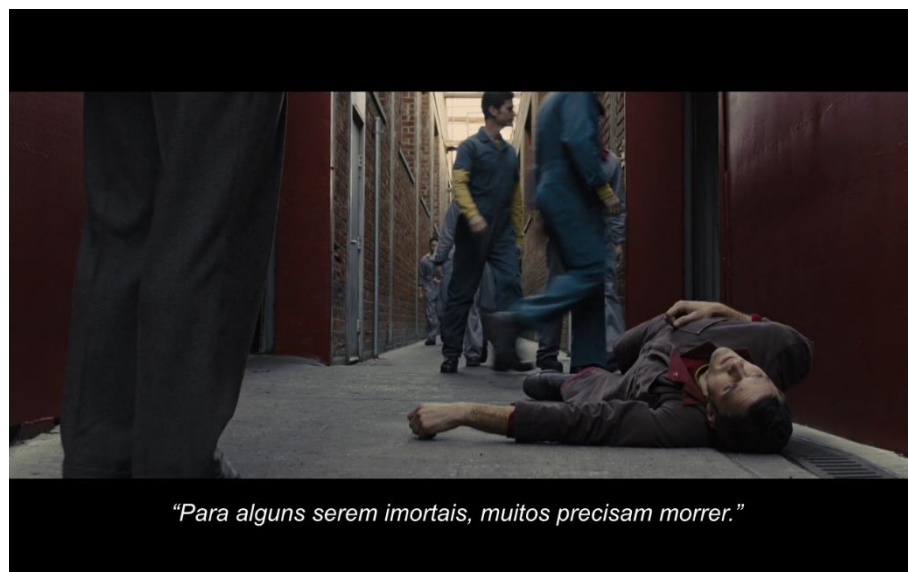


A sociedade na qual o filme se passa é uma sociedade onde ambas as esferas, do trabalho e pessoal, estão sobre influência da velocidade. Isso é percebido quando percebemos que existe uma busca por fazer mais em menos tempo, algo que se torna necessário para a própria existência humana. Essa busca não está presente apenas na indústria onde Will trabalha, mas também fora dela, pois mesmo fora dela ele sempre com pressa.

A dromoaptidão é um conceito aplicável no contexto do filme. Devido à materialização do tempo nos relógios de cada indivíduo, é possível perceber nitidamente aqueles que possuem mais tempo, portanto maior dromoaptidão, e os que não possuem. A rejeição social dos mais dromoaptos em relação aos menos dromoaptos se torna muito bem definida através do uso de zonas do tempo como uma cortina de divisão social. Essa divisão social baseada no tempo é um exemplo claro da violência da velocidade em ação.

Mais um exemplo da violência causada por essa sociedade onde impera a velocidade é o conceito do “lixo humano”. Logo no início do filme é possível ver um homem morto por seu relógio ter atingido o zero, porém ninguém parece se importar com o cadáver jogado a poucos metros de distância (ver figura 2). Uma frase dita algumas vezes ao longo do filme exemplifica bem o conceito de excesso de população e da indiferença quanto a estes (BAUMAN, 2006): *“For a few to be immortal, many must die”*, que em tradução livre quer dizer, “para alguns serem imortais, muitos precisam morrer”.

Figura 2 – Cadáver morto sem tempo



As zonas inferiores, mais especificamente o gueto de Dayton, são depósitos de seres humanos cuja a luta para se manter veloz, não é suficiente para acompanhar a velocidade das transformações. A mudança ocorre constantemente e é retratada no filme com o reajuste de preços e de salários. O trabalho que traz o sustento para a vida se torna quase vão, uma vez que o tempo ganho perde seu valor com o aumento diário dos preços. Os habitantes se encontram no ciclo da violência da velocidade, onde acompanhar as mudanças é impossível devido a rapidez com que acontecem.

A morte devido ao fim do tempo no pulso pode ser considerada como uma metáfora para aqueles que não conseguiram acompanhar o tempo. Morrem então por não conseguir ser veloz. Quando a namorada de Will, ainda não habituada com a realidade de um ambiente de menor dromoaptidão, pergunta indignada como era possível viver com a pressão do relógio no pulso ele responde que geralmente não se dorme até tarde. A velocidade, como disse Trivinho (2007), sussurra aos ouvidos de todos sobre a necessidade de ser mais rápido e não ficar inerte.

Em uma tentativa de quebrar o sistema, Will e sua namorada Sylvia, distribuem o tempo roubado de um banco em Dayton, porém, ficam frustrados quando percebem que nada mudou, pois com mais tempo disponível mais os preços subiram, tornando ineficazes quaisquer tentativas de acompanhar as mudanças (figura 3). Neste caso percebe-se o poder da velocidade e a dificuldade que existe de tentar acompanhá-la.

Figura 3 – Reconhecimento da impossibilidade de vencer o tempo



Os mais ricos do mundo se encontram em *New Greenwich*, zona na qual todos possuem muito tempo e demonstram pouca preocupação com uma possível falta do mesmo. Eles vivem sem pressão mesmo possuindo o marcador luminoso com o tempo restante de vida, pois a contagem regressiva ainda é longa. Sua dromoptidão parece ser muito superior, quase plena, quando comparada às das outras zonas. Essa “perfeição” pode ser questionada devido a um possível medo retratado por seguranças por toda a parte; e a crise na família Weiss, que pode ter sido causada pela necessidade de flexibilidade exigida pela velocidade, enfraquecendo os laços familiares.

Considerações finais

Quando a modernidade líquida, proposta por Bauman, se encaixa com a dromocracia, é possível ver que as consequências de ambas se assemelham e se completam de alguma forma. Essas consequências podem ser consideradas como fruto da violência simbólica proveniente da velocidade. E muitas dessas consequências são encontradas durante todo filme.



A sociedade do filme “*In time*”, que em certas ocasiões remete a uma visão pós-apocalíptica, possui muitos desdobramentos para serem registrados e analisados em totalidade neste artigo. Porém, um breve estudo revela fatos interessantes sobre a quantidade de semelhanças encontradas quando se compara a sociedade do filme com a sociedade na qual a velocidade é um sistema transpolítico.

A forma mais nítida de perceber essas semelhanças é através da violência da velocidade e de sua atuação. Exemplos muito claros de como a velocidade massacrava as pessoas que estavam sob sua custódia podem ser encontrados facilmente, principalmente no local onde se encontram os menos dromoaptos: Dayton.

A incessante luta por tentar acompanhar a velocidade das transformações é retratada nas fábricas onde a maioria trabalhava para conseguir o tempo suficiente para viver cada dia. Qualquer esforço feito para conseguir um pouco mais de estabilidade sempre era vão. Pois o regime tratava de subir os preços e trazer novamente o desequilíbrio e mais correria. Aqui está o maior exemplo da violência da velocidade que o filme apresenta.

Outra semelhança que é retratada de forma bastante intensa durante o filme é o conceito de lixo humano. Dayton pode ser comparado como o “depósito” onde a população “excedente”, aquela que neste caso não é dromoapta, é esquecida ou ignorada pelas pessoas com maior capacidade de ser veloz. A falta de importância dessas pessoas é perceptível através da fala de vários personagens, e do próprio sistema organizacional da população no filme, nas zonas.

Porém, a superioridade da violência da velocidade sobre todos os seres da sociedade dromocrática carece de evidências no filme. Pois não é possível perceber de forma clara que os moradores das zonas superiores, principalmente a de *New Greenwich*, sofrem algum tipo de violência simbólica.

O medo nestas zonas - atribuído à presença excessiva de seguranças - possui origem desconhecida, portanto afirmar que ele é fruto da violência da velocidade seria precipitado. A falta de estrutura familiar demonstrada na família de Sylvia ao longo do filme não possui indícios fortes de relação com a velocidade. Assim, a relação entre essa instabilidade no núcleo familiar e aquela causada pela obrigação da velocidade - forçando o indivíduo a ter mais mobilidade - não é conclusiva.

Assim, é possível afirmar que o filme é, em grande parte, uma descrição de como funciona a sociedade regida pela velocidade, de acordo com os pensadores aqui estudados. Diferenças entre as sociedades são encontradas em menor grau. Com isso, as semelhanças se aprofundam quando é analisado o resultado da violência simbólica da velocidade nos personagens e na forma de como ela molda a estrutura social.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CAZELOTO E. A velocidade necessária. FERRARI, P. (Org.). **Hipertexto hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

IN TIME. Los Angeles: Regency Enterprises, 2011. 1 DVD.

REIS, A. **Comunicação e violência sutil**: a debilitação da experiência de reconhecimento do sujeito na sociabilidade dromocratizada. *Intexto*, n.29, dez. 2013.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Introdução à dromocracia cibercultural: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 28, 2006.